

AIDS

O Jornal do Brasil vem publicando artigos de D. Lourenço Prado, monge beneditino e grande educador, atualmente nas funções de reitor do Colégio São Bento, nos quais fustiga a lamentável orientação que os órgãos oficiais vêm dando à triste propagação da Aids (ou Sida) entre nós. Para combater os malefícios trazidos por essa nova praga, nascida não se sabe onde nem como, as autoridades responsáveis por essa campanha estão se limitando a alertar para os meios de transmissão da moléstia, sem ir às causas que a disseminam. Não se trata, é claro, dos recursos para a destruição do vírus, a cujo estudo se vêm dedicando empenhadamente os especialistas, e sim dos aspectos moral e social que estão na fonte de sua expansão.

Ora, a tônica da propaganda oficial, de que todos nós somos testemunhas, está no insistente aconselhamento ao uso de “camisinhas”. Isto mostra que: a) a causa maior da propagação da doença é o contato sexual; b) esse contato se dá com pessoas já contaminadas ou possivelmente contaminadas. Pergunta-se: “Quem são essas pessoas?”

As próprias autoridades nos respondem: “Aqueles que pertencem ao chamado grupo de risco. Bem essas já sabemos quem são. Portanto, as autoridades, em vez de lançarem uma campanha saneadora do ambiente moral da sociedade, ao contrário, incentivam a continuidade de tais práticas nocivas moral e fisiologicamente a ambos os parceiros. A propaganda, como denunciou dignamente D. Lourenço, desce a detalhes que raiam pela obscenidade, numa cumplicidade prazerosa, que antes insufla que amortece o flagelo que aparentemente procura debelar. O que me faz vir à mente esta frase de Nelson Rodrigues: “Não há educação sexual; há informação sexual, a educação é sempre moral”.

[Carta aos leitores]
(*Jornal do Brasil*, 04/09/1991)

*

Aids x Carnaval

Nada mais deprimente do que a campanha contra a propagação da Aids desencadeada pelo governo e outras entidades, através dos meios de comunicação. Não há a menor dúvida de que o tiro sairá pela culatra. E isso porque a apresentação das badaladas “camisinhas” como couraça intransponível pelo vírus de obscuras origens não pode ter outro efeito senão o de levar ao paroxismo os desregramentos sexuais. Carnaval e sexo passam a ser as duas bandas da

mesma degradação. Bandalheira, libidinagem, libertinagem, licenciosidade, assim é que a nossa outrora “maior festa popular” é vista atualmente pelos responsáveis pela saúde pública do país.

(...) Fazer da camisinha o símbolo do Carnaval é confessar que o reinado de Momo se transformou numa bacanal coletiva. E que, portanto, no Carnaval, as transas sexuais vão campear; o vírus da Aids se transmite no ato sexual; o maior grupo de risco são os homossexuais (o que geralmente se omite). (...) Ora, se o grande perigo está na conjunção sexual com parceiros mais ou menos aleatórios, que faz a propaganda das camisinhas senão instigar uma prática que sabidamente é a maior portadora do mortífero vírus?

A questão é vista de um ângulo totalmente deslocado. Sem dúvida a natureza dotou o homem e a mulher de órgãos sexuais que garantem a perpetuação da espécie. (...) mas o homem não é simplesmente um animal; é essencialmente um ser moral, dotado de consciência e, portanto, capaz de avaliar a distância entre o bem e o mal. Ora, uma campanha séria, eficaz e decente contra a propagação da Aids só poderia ser feita, na linha do homem enquanto ser moral, isto é, dotado do poder de escolher racionalmente entre o bem e o mal. Que fazem porém as nossas autoridades sanitárias? (...) Encaram os cidadãos como brutos e montam o seu (pseudo) combate à Aids na linha animalisca. Claro que assim apenas incitam os machos e as fêmeas a caminharem no sentido da própria destruição. Depois da folia, virão as lágrimas do arrependimento. E aí já será tarde. (...)

(*O Globo*, edição não-identificada)

*

Combate à Aids

Lamentável, inoperante e por certo altamente custosa a trilha pornográfica que andou sendo exibida em nossos complacentes televisores a título de combate contra a propagação da Aids e, o que é sumamente grave, com a chancela do próprio Ministério da Saúde. Protestou a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, mas infelizmente a mídia (e não mídia, pois não somos anglófonos), com exceção talvez do Globo, não deu à crítica o relevo que merecia. A forma debochada com que o filmezinho se apresenta é um insulto à sociedade brasileira, que não se encontra no nível de degradação que dita propaganda pressupõe. O próprio Globo tem agasalhado cartas de leitores de aplausos às providências tomadas pelo prefeito César Maia, no sentido de impedir a exposição nas bancas de jornais de ilustrações de capas de revistas incompatíveis com a moralidade pública. Que dizer então de projeções indecorosas que penetram em nossos lares, noite e dia, sem pedir licença? Além de ofensiva ao